Trabalho, migração e contrastes socioespaciais urbanos: trajetórias sociais de habitantes da Bacia do Una em Belém (PA)

Work, migration and social-spatial urban contrasts: life stories of inhabitants of the Una Watershed in Belém (PA)

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares e Marcel Theodoor Hazeu

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/6225>

DOI: 10.4000/pontourbe.6225

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares e Marcel Theodoor Hazeu , « Trabalho, migração e contrastes socioespaciais urbanos: trajetórias sociais de habitantes da Bacia do Una em Belém (PA) », *Ponto Urbe* [Online], 24 | 2019, posto online no dia 26 junho 2019, consultado o 04 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/6225> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.6225>

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 junho 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Trabalho, migração e contrastes socioespaciais urbanos: trajetórias sociais de habitantes da Bacia do Una em Belém (PA)

Work, migration and social-spacial urban contrasts: life stories of inhabitants of the Una Watershed in Belém (PA)

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares e Marcel Theodoor Hazeu

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 21/11/2018

Aceitação / Accepted 23/03/2019

Introdução

- 1 A pesquisa que deu origem ao presente trabalho tratou da "memória ambiental" (Devos et al., 2010) dos habitantes da bacia do Una, levando em conta as relações destes habitantes com a paisagem e as transformações destas relações ao longo do tempo. Para a população desta bacia hidrográfica, no contexto desta pesquisa, a memória coletiva (Halbwachs, 2006) aparece como elemento que ordena e dá sentido aos processos de inserção em seus territórios de pertencimento, abarcando os sistemas de práticas e valores, das regras e das condutas sociais relativas à sua interação com o ambiente. Nesse sentido, a memória, enquanto um esforço criativo do sujeito orientado para uma ação no mundo (Eckert e Rocha, 2001), ganha expressão a partir das narrativas de habitantes que moram ou moraram próximos aos cursos d'água que ainda hoje recortam a cidade ou que existiram no passado.

- 2 Trata-se de áreas ocupadas por moradores como Dona Lourdes, Seu Laércio, Seu Zeca e Seu Evandro, interlocutores da pesquisa, os quais viveram um processo de migração de áreas rurais do interior do estado do Pará em direção a bairros populares de Belém. A partir de entrevistas abertas realizadas na residência dos interlocutores, estes falaram sobre a sua relação com o lugar de moradia, momento em que o trabalho emergiu como categoria que organiza suas trajetórias individuais e coletivas.
- 3 As reflexões que seguem se desenvolveram por meio de pesquisa na área geográfica da Bacia Hidrográfica do Una em Belém do Pará. A referida bacia compõe uma área de 36,64 km², com 397.339 habitantes. Esta bacia abrange 20 bairros da capital paraense sendo que cerca de 19% do território da bacia é composto por áreas alagáveis (Silva, 2003). Como a Bacia do Una representa em torno de 60% do sítio urbano de Belém, a pesquisa etnográfica se desenvolveu em alguns pontos da referida Bacia próximos aos canais e cursos d'água que recortam essa área, tais como o Canal do Galo e o Canal São Joaquim. Logo, compreende-se que a água é um elemento significativo na vida social do lugar, na produção do espaço urbano de Belém e, conseqüentemente, nas memórias e narrativas dos sujeitos que ocuparam o que se chama de *baixadas*¹.

4

A terra e a água

- 5 As áreas alagadiças conhecidas em Belém como *baixadas* foram historicamente ocupadas por populações pobres e migrantes oriundas em sua maioria do interior do estado do Pará, as quais viveram durante muito tempo sem acesso a saneamento ambiental, isto é, esgotamento sanitário, água potável, drenagem urbana e manejo de resíduos sólidos. Suas casas palafitadas erguidas sobre os *igarapés*² da cidade eram constantemente invadidas pelas águas grandes dos meses de janeiro a abril, período correspondente ao inverno amazônico.
- 6 Trindade Junior (1997) mostra a partir de dados do COHAB e da Caixa Econômica Federal que a chegada destas populações se deu principalmente no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando a Amazônia sofreu a implementação dos planos de desenvolvimento do governo federal. Evidentemente, o que ficou conhecido como "grandes projetos" agropecuários, de mineração e de colonização de margens de rodovias na Amazônia (Loureiro, 1992) teve grandes impactos nas cidades da região e em sua urbanização. Os fluxos migratórios em direção a Belém decorrentes desse processo colocaram um desafio ao planejamento urbano na época. Ao mesmo tempo em que as *baixadas* mais próximas ao centro da cidade eram ocupadas por populações de baixa renda, o Estado via a necessidade de incorporar estas áreas à malha urbana regular devido à saturação do antigo centro. Em outras palavras, era necessário que a terra avançasse sobre a água para que a "cidade ilegal" desse lugar à "cidade oficial" (Maricato, 2000)³.
- 7 Trindade Júnior (1997) registra as intervenções ocorridas em *baixadas* de Belém no século XX com o objetivo de solucionar problemas habitacionais e introduzir essas áreas ao tecido urbano. Destaca-se, em primeiro lugar, a urbanização da *baixada* do *Igarapé das Almas* (Bacia das Almas), com a canalização do curso d'água e pavimentação de suas vias marginais concluídas em 1973 pelo DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento). Nesse processo, houve a deliberada remoção dos moradores pobres do

local com o intuito de valorizar aquela área para expansão do centro da cidade. Entre 1978 e 1982 outra intervenção ocorreu, dessa vez na Bacia do Una, quando 800 famílias foram retiradas do leito do *Igarapé* São Joaquim em uma obra envolvendo o DNOS, a CODEM (Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém) e a COHAB-PA (Companhia de Habitação do Estado do Pará). Como discute o trabalho de Auriléia Abelem (2018), essa intervenção conjugou elementos do saneamento e da habitação, na medida em que incluiu a dragagem de parte do *igarapé* para transformá-lo em canal, assim um projeto habitacional para receber os moradores reassentados. A operação denominada "Projeto Piloto"⁴ foi considerada pelos próprios planejadores um fracasso, na medida em que a grande maioria dos moradores reassentados não permaneceu no conjunto habitacional e o com o passar do tempo o leito do São Joaquim foi ocupado novamente (Abelém, 2018).

- 8 Inundações por transbordamento dos cursos d'água eram comuns tanto na Bacia das Almas quanto na Bacia do Una. Em ambos os casos, porém, as intervenções realizadas para solucionar este problema não implicavam na permanência dos moradores locais nas áreas beneficiadas. Somente na década de 1990 - e após intensa mobilização popular - a Bacia do Una passaria por uma grande obra de reforma urbana em uma área de 36,64 km² que envolvia não apenas questões habitacionais e de saneamento ambiental, mas também de promoção socioeconômica, na medida em que era prioritária a permanência das pessoas em seu local de moradia após a obra (Soares e Cruz, 2019; Abelém, 2018; Pará, 2006; Trindade Júnior, 1997).
- 9 Embora a Bacia do Una tenha sofrido intervenções do poder público na forma do Projeto de Macrodrenagem da Bacia do Una (ou Projeto Una) - financiado pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) - uma significativa parte de sua população continua vivendo em situação semelhante a de 30 anos atrás ou até mesmo pior, devido aos agravos ambientais provocados pela povoação das margens dos antigos rios, canais e *igarapés* da cidade. Entre os destinos destes cursos d'água durante o Projeto Una estiveram o aterro, a transposição de seu curso para canais retificados que deveriam drenar uma determinada área e, por fim, a sua transformação em esgotos a céu aberto.
- 10 As irregularidades na execução do Projeto de Macrodrenagem também acabaram por excluir determinadas áreas que deveriam ter sido contempladas pelas três vertentes do referido projeto: saneamento básico, renovação urbana e promoção socioeconômica (Pará, 2006). Além disso, as consequentes improbidades da administração municipal colocaram em risco o conjunto das obras realizadas no Projeto Una, uma vez que não foi realizada adequadamente a manutenção dos benefícios implantados pelo projeto, tais como a dragagem de canais e a limpeza das margens de canais, desobstrução de galerias subterrâneas e bocas de lobo, assim como a limpeza de fossas sépticas individuais e coletivas. As consequências dessas omissões do poder público são a permanência de áreas da Bacia do Una sem a mínima infraestrutura urbana de saneamento ambiental e a continuação dos alagamentos que ainda atingem mesmo áreas beneficiadas pelo projeto (Soares e Cruz, 2019).
- 11 Apesar dos investimentos realizados, ainda se observa em Belém o mesmo contraste notado por Gilberto Freyre (2003) em sua obra clássica *Sobrados & Mucambos* a respeito da existência de áreas altas/secas onde viviam os ricos e de terrenos baixos/úmidos onde habitavam os pobres. Em Belém estes contrastes não comportam entre si uma distância espacial muito acentuada. A área da Bacia do Una, principalmente depois de ter sido contemplada pelo projeto homônimo, pode ser considerada hoje em dia

"centro", tanto pela sua proximidade dos bairros centrais de Belém, quanto pelo oferecimento de serviços próprios à infraestrutura que caracterizam os centros das grandes cidades, tal como aparece nas palavras dos interlocutores desta pesquisa quando eles falam sobre o local em que vivem:

Hoje em dia você procura um pedacinho pra morar aqui e não tem. Mais quem quer por causa da localidade! E como era antigamente e como tá hoje. Aqui você encontra qualquer coisa, farmácia. Aí então hoje em dia você abre sua porta e você encontra aí, sabe? Dá pra pegar ônibus daqui pra Icoaraci, daqui pra Marituba, pra todas essas localidades, pra todo lugar que você quer transporte, tá saindo. E antigamente não, daqui pra pegar um ônibus você tinha que ir lá pra Senador Lemos, passando essa pista que passava o trilho, nera, nera? O trilho do trem, pra ir lá pra Senador Lemos que era onde passava os ônibus, na época de madeira, aqueles ônibus. E hoje você procura uma casa pra alugar e você não encontra mais. Pra você ver que é tudo coladinha uma na outra. Antigamente era uma casa aqui e a outra, uns cinco metros pra chegar na outra. (Seu Zeca, morador do bairro da Sacramenta próximo ao Canal São Joaquim, junho de 2013).

- 12 Porém, todos os anos as chuvas e os danos materiais que prejudicam os moradores de vários pontos da Bacia do Una são notícia nas mídias impressa, televisiva e eletrônica do estado do Pará. Diante dos transtornos causados pela invasão das águas contaminadas dos canais nas casas localizadas em suas margens, a pergunta que fica é: por que as pessoas, apesar das condições de vida precárias, continuam vivendo nesses lugares com grande ocorrência de inundações? Para responder esta questão de forma compreensiva, esta pesquisa se indaga como estes moradores chegaram a essas áreas e de que maneira se mantiveram nesses locais, construindo seu conhecimento sobre o meio a partir da experiência contínua em meio à dialética entre os elementos água e a terra. Pois como diria Dona Barroso, uma das interlocutoras da pesquisa e moradora do bairro da Sacramenta em uma comunidade conhecida como Nova Aliança: "O que acontece quando a água encontra a terra? A água cresce."

13

Contrastes Urbanos

- 14 Todo o processo vivenciado pela Bacia do Una e seus habitantes mostra como a migração do interior à cidade e às áreas alagadas aponta a necessidade de considerar a história do local de origem como elemento constitutivo do destino e a transformação desse novo lugar. Por partir de um olhar sobre "um lugar no lugar", a história e ligações com os lugares de origem de quem está chegando, ocupando e produzindo o novo lugar, às vezes não são reconhecidas, mas se revelam a partir das suas narrativas. As condições, memórias, redes sociais e práticas que estiveram na origem da emigração, segundo Sayad (1998), repercutem nas dinâmicas e formas de produção do espaço no destino.
- 15 Em trabalhos sobre a produção do espaço urbano de Manaus a partir dos *igarapés* da cidade, Souza e Oliveira (2003) argumentam sobre a instalação de populações pobres e migrantes em terrenos insalubres da capital amazonense e utilizam o termo "segregação espacial" ou "segregação socioespacial" para designar dinâmicas de povoamento do solo urbano nas quais relações de classe e poder na cidade produzem formas desiguais de apropriação do espaço. Apesar de sua fundamental importância para a compreensão dos processos urbanos, muitas vezes o termo "segregação" dá

conta apenas da dinâmica entre os lugares, colocando as relações entre pessoas em segundo plano. Além disso, a "segregação socioeconômica" por mais que constata um efeito da produção e reprodução do espaço urbano, não aponta para a agência das pessoas que constroem a cidade no cotidiano com suas ações e discursos.

- 16 Nesse sentido, é importante não perder de vista as questões levantadas pela comunidade interpretativa da Antropologia Urbana ou de sociedades complexas (Velho, 1994), que considera os sujeitos se movimentando pelo espaço urbano através de redes de relações nas quais se amalgamam diferentes visões de mundo e a partir de campos de possibilidade nos quais os sujeitos põem em prática as suas razões, motivações e aspirações dialogando com as dádivas e restrições que seu meio econômico, social e cultural lhes oferece. Embora se reconheça que as dinâmicas de produção do espaço urbano conduzam a segregações espaciais e contrastes socioeconômicos agudos, os processos de ocupação e fixação em territórios na cidade obedecem à agência de redes de relações – parentesco, compadrio, amizade, trabalho – e não são realizados sem que haja preferências e ponderações por parte dos sujeitos envolvidos dentro das possibilidades objetivamente existentes.
- 17 O conhecimento sobre o meio e as estratégias para lidar com a presença das águas no cotidiano também são adquiridos ao longo desses processos de escolha, ocupação e instalação em terrenos baixos, alagadiços e próximos a cursos d'água como os da Bacia do Una. Logo, em uma pesquisa etnográfica sobre a relação de habitantes da cidade com as águas urbanas devem ser levados em conta os gestos de fundação desses territórios e as trajetórias sociais de seus habitantes a partir das narrativas dos mesmos.
- 18 Por isso, enfocar a memória do trabalho (Leite Lopes, 1976) e o contexto migratório dos habitantes das áreas dos canais de Belém também aparece como fundamental para entender os arranjos sociais que possibilitavam seus deslocamentos pelo mundo do trabalho paraense, sendo relevante também para compreender como se dava a circulação dos habitantes desses terrenos úmidos pela urbe, de que maneira estes bairros na época considerados periféricos se articulavam às regiões centrais da cidade e como foram construídas ao longo do tempo territorialidades fundadas no contraste socioespacial entre áreas úmidas/baixas e secas/altas em Belém.

Trajetórias de trabalho

"Então, eu já me considero uma pessoa feliz da vida porque trabalhei muito" (Seu Laércio, 73 anos, morador da Bacia do Una)

- 19 A princípio, a dimensão do trabalho enquanto categoria antropológica relevante para a compreensão das concepções dos habitantes da Bacia do Una sobre o ambiente hídrico da cidade estava fora das preocupações mais imediatas da pesquisa. No entanto, as redes de familiares, conhecidos e amigos vinculando a capital às localidades do interior do estado do Pará (ou mesmo de outros estados) sobressaíam-se nas narrativas dos interlocutores sobre suas trajetórias de vida em relação a outros motivos para a instalação em áreas alagáveis já listados em outros trabalhos (Souza e Oliveira, 2003; Valle e Oliveira, 2003), como o baixo preço do terreno ou a possibilidade de aquisição da casa própria. Assim, o trabalho apareceu como o principal elemento propulsor de trajetórias sociais marcadas pela migração do campo à cidade agenciada por redes sociais e a instalação de indivíduos e suas famílias em áreas baixas próximas a cursos d'água que recortavam Belém.

- 20 O primeiro *locus* de pesquisa próximo a um canal foi a área conhecida como Mena Barreto, uma parte do bairro do Telégrafo localizada às margens do Canal do Galo onde antes existiam casas palafitas cercadas por igarapés. Os moradores do local chamam-no de “ilha”, pois a configuração do local o isola do restante do quarteirão. Aliás, esta é uma questão metodológica relevante para a pesquisa: as áreas visitadas a fim de realizar uma etnografia não são nem ruas, nem bairros, nem vilas. São, antes, territórios que se configuraram há muito tempo em função da presença de um curso d’água ou de seu baixo nível topográfico em relação ao restante do bairro e que até hoje se conservam mesmo depois de aterramentos e pavimentação de suas vias.
- 21 A chegada à Mena Barreto se deu por intermédio de uma familiar que realizava trabalhos sociais e religiosos na comunidade. Pertencente à terceira idade, esta familiar apresentou suas amigas de mesma faixa etária durante uma missa de sétimo dia que ocorreu na comunidade. Dias depois Dona Lourdes abriu as portas da sua casa para que ela e seu marido Laércio fossem entrevistados. Portanto, começamos pela trajetória de trabalho de Seu Laércio (73 anos), cuja narrativa biográfica apresentou como principal linha condutora o trabalho:

Bem, vamos começar, buscar logo do começo! Eu nasci numa localidade chamada...é aqui pro interior, deixa eu ver como é que chamava lá a lugar, porque o nome era Boa Vista. Boa Vista era um povoado de poucas casas. Então a minha avó por parte de pai, o barraco dela era coberto com palha e o assoalho era de paxiúba. Paxiúba era uma palmeira que na época esses cabocos tiravam né, não sei se era açazeiro. O certo é que aquilo ali com o tempo aquilo ali ficava preto, parecia que você tava polindo aquilo ali. Então como a casa era, o terreno era um pouco alto, o inverno não chegava a banhar tudo, uma parte ficava ali e eu era moleque.

Bom, cresci. Fiquei lá por muito tempo. Depois a minha mãe se separou do meu pai, aí já viemos para um povoado maior que hoje já se chama Jenipapo! [...] Fomos crescendo ali eu e o meu irmão, fomos crescendo no poder dos nossos avós por parte de mãe. Então a minha avó, naquele tempo no interior não iam a padre, era muito difícil. Então minha avó fez o seguinte: todos os filhos que nasciam, ela colocava o nome e a data de nascimento deles. Aí viemos pra lá pra essa colônia do Jenipapo, que ainda existe hoje, aí lá tinha um caderno desses onde ela reunia todos os nomes de filhos, netos, fomos crescendo ali.

Na faixa de 10 pra 11 anos eu estudava num grupo, eu estudei com um senhor chamado Félix Vieira, era o professor naquele tempo. Era na casa dele mesmo né, aí tinha umas mesa e umas carteira, sentava assim um do lado do outro e ele vinha chamando um de cada vez: “Fulano, venha dar a lição!” Se você chegasse com o livro fechado e abrisse na frente dele, ele mandava você voltar: “Volte, procure a sua lição que depois eu vou lhe chamar.” Depois de lá do Félix Vieira eu passei pra um grupo, o governo mandou fazer um grupo lá no interior. Tudo de madeira, alto por causa do inverno, né. E aí eu passei pra lá.

E então meu avô me tirou da escola pra ir trabalhar na pesca do lago Arari. E a prova tá aqui, ó! Tá vendo essa bolotinha aqui? Isso aqui foi uma piranha que me mordeu! Ela tava enterrada na lama e a gente, lá a gente batia a água assim com pedaço de pau, com pedaço de ferro que era pra empurrar o peixe para a rede. Aí ficou pendurado, meu tio queria cortar e eu disse: “Deixe ficar, não corte”. E ficou assim.

E assim mesmo eu trabalhava, inventava que tava com febre e minha avó dizia assim: “Não, meu filho, tu vais. Se tu piorar o teu tio vem te trazer de volta aqui”. Bom, fui crescendo, fui crescendo, fui crescendo e aí já na faixa de uns 14 anos eu saí da escola e pra trabalhar diretamente na pesca. O meu dinheiro quem recebia era a minha avó. [...] Bom, aí quando a minha avó faleceu, eu tava aqui em Belém. Que lá quando terminava a safra, por exemplo, lá quando terminava a safra junho, julho, agosto, setembro, novembro, dezembro, era uma faixa de seis meses de pesca.

Aí quando terminava eu vinha embora pra cá pra Belém, morava aqui na casa da minha tia. Eu sem meu documento.

Eu quando tava na faixa dos 17 anos eu quis entrar na polícia. Nesse tempo o comando geral era ali no palácio do governo. Tinha a prefeitura aqui, né? Aí tinha uma parte assim que era parecida com uma lombada assim bem grande. Lá que era o comando geral. E o comandante da PM naquela época era o Doutor Maravvalho Melo. Era um coronel da aeronáutica. Aí eu tava lá com mais um pessoal e ele chamou o ajudante de ordem e disse: "Olha, veja aí o que é que esse pessoal quer, se querem falar comigo, qualquer coisa parecida". Aí a senhora foi lá comigo: "E você, moço?" E eu: "E estou aqui porque eu quero entrar na polícia". E ele era um sujeito assim, era um homem que tinha o poder na mão mesmo. E ele ficou olhando de longe com os braços cruzados assim. E ela disse: "Olha coronel, esse rapaz aqui, ele quer entrar na polícia". E ele perguntou assim: "Você tem documento?" E eu disse: "Não, Coronel, não tenho". E ele disse: "Bom, se você tivesse seus documentos hoje mesmo eu já mandava lhe incluir. Então o seguinte: você vai tirar seus documentos e volte aqui que eu sei que você tá com boa vontade". Mas aquela época ainda não era o tempo de eu entrar na polícia. [...].

E então fui crescendo, trabalhando pra um lado, trabalhando pra outro e quando eu tava com idade pra sair de casa, com 18, vinte e poucos anos... era assim, eu passava um tempo lá e passava um tempo aqui. Quando começava a pesca eu ia embora pra lá. Então aqui em Belém eu trabalhei... eu nunca fui empregado em construção civil. [...] Ali onde é o Banpará, ali era uma casa Santa Maria, ela uma loja, eu até conhecia o dono dela, o seu Antônio Maria. Era a casa Santa Maria. Fui trabalhar pra ganhar 100 cruzeiros! Aí não aguentei o peso do trabalho lá que era carregando concreto só comendo pão e café [...].

Então aí andando pela vida eu sempre tive a esperança de me empregar. Eu trabalhei numa representação lá na Campos Sales. Era o Maurício Vilela, um fornecedor de medicamentos. [...] Aí depois eu já vim ficar mais pra cá em 63. Em 63 eu já tava com mais de 20 anos de idade. Aí nós se casamos em 67. Tinha uma, eu me lembro que essa pista aí tinha uma vila de quartos, aí viemos morar aí. Mas antes disso lá na casa da minha tia tinha uma senhora que era comadre dela, informou assim: "Olha, eu tenho um rapaz mais ou menos assim, assim", ela queria uma mesa pra costurar, ela trabalhava com costura e ela me chamou. Ela fez a mesa e foi por aí que nós se conhecemos. Aí nós se casamos lá na prefeitura, viemos pra cá [...].

E eu já tava preocupado, eu com família e desempregado, né? E aí eu voltei, ele [um advogado amigo da família] deu outra recomendação e eu fui ali onde é a Ponte do Galo, do outro lado, aí tinha uma cooperativa lá. Era o antigo Cunha Maia, aí passou pra Cooperativa Central do Pará. Aí eu levei a carta lá, o pessoal leu e disseram: "Olha, você vem amanhã, terça-feira ou quarta, que vai sair esse rapaz e tem essa vaga aí, se você quiser, você fica". Aí o dia que ele marcou eu fui lá e trabalhei. Amigo, passei uma vida que eu não é brincadeira! Tinha dia que chegava quatro, seis caminhões cheios de arroz com casca, que era pra beneficiar pra exportar, né. Aquela areia que saía na costa, soltava tudo, tava suado e dava uma coceira, eu ia correndo pro banheiro tomar banho!

Aí fui levando a vida, fui, fui, aí quando chegou um dia eu tava lendo um jornal, aí tava o Comando chamando gente até com 28 anos de idade pra entrar na polícia. Aí eu falei, não me lembro qual era o nome do encarregado lá, era um magro e disse: "Olha, eu vou lá no comando geral, abriu uma inscrição. Se eu ficar lá eu venho aqui pegar os documentos". Foi aí que eu deixei identidade, deixei profissional, não fui mais buscar. E ter a felicidade de conseguir esse emprego! Então eu digo assim: pra mim durante a minha vida, eu me lembro do que eu consegui. Um pouco arriscado, mas hoje em dia eu tô desfrutando daquilo que eu consegui ontem.

22

- 23 A narrativa de Seu Laércio mostra como o trabalho deixa marcas na vida das pessoas, incluindo cicatrizes das experiências, dos tipos, riscos e exposições vinculadas ao

trabalho, como a mordida da piranha, coceiras no corpo causadas pela areia, o peso dos sacos nas costas. No local de origem do narrador, são essas marcas que definem as pessoas, juntamente com o trabalho e a família, a instituição social onde o jovem aprende um ofício. Por isso lhe causam estranhamento os códigos do trabalho urbano informal, como a necessidade de documentos de identificação para obter o emprego como policial. A sua experiência no interior se baseava em um contexto vivido no qual as pessoas não precisavam de documentos para definir quem são em que podem trabalhar. Ao contrário, prevaleciam suas habilidades, rede social e inserção nas atividades da comunidade.

- 24 Apesar da instabilidade e efemeridade dos trabalhos informais que por muito tempo exerceu na cidade, Seu Laércio consegue por fim o trabalho como policial. Não fica evidente se a motivação de ser policial se origina da busca de um emprego formal e estável ou se diz respeito a um sonho de infância e ao *status* que o emprego lhe proporcionaria. De todo modo, uma vez empregado como policial as condições materiais que acompanham esta condição fazem Seu Laércio considerar que alcançou uma vida mais confortável, o que também representa a consolidação da sua família na Mena Barreto. Para Seu Laércio, o trabalho também criou um campo de relações a partir das quais foi possível que ele e sua cônjuge, Dona Lourdes, se conhecessem.
- 25 Para o caso de Dona Lourdes (74 anos), uma das mais importantes colaboradoras desta pesquisa, o trabalho também surge como o fio condutor de uma narrativa que mostra não apenas sua busca pelo sustento material, mas por laços de pertencimento a um lugar e a um grupo social que ela acaba constituindo quando chega à área da Mena Barreto no bairro do Telégrafo.

Pedro: Dona Lourdes, eu queria que a senhora me contasse como foi pra senhora vir morar aqui, se a senhora nasceu aqui...

Dona Lourdes: Não, eu nasci no interior de Amapá. De lá eu vim com uma família, uns fazendeiros, Costa e Filho. Com esses fazendeiros eu me tornei uma escrava deles. Eu levantava às quatro da madrugada pra lavar galinheiro, chiqueiro de porco, e eu não suportando mais os maus tratos, eu fugi. Fugi da casa. Não foi uma fuga, foi uma fuga assim... eu disse que eu ia até a praça, mas já tinha combinado com uma professora pra me levar na casa do representante de Amapá, que era lá que eu ia conviver. Ela me falou que lá iam me tratar como filha, me dar muita atenção, muito carinho. E eu, ao chegar nessa casa, eu não passei de uma doméstica maltratada. Eu levantava duas da madrugada pra passar roupa, lavar louça, colocar as xícaras na mesa pra tomarem café, preparar o café pros filhos do representante de Amapá, eu fazia todo o serviço. Quando o dia clareava eu tava com todas essas coisas prontas em cima da mesa.

Não tenho parente, não tenho ninguém aqui em Belém. Sou sozinha aqui em Belém. A minha família agora são quatro filhos e esse cidadão que é meu amigo. E assim foi a minha carreira de sofrimento, eu saí duma, entrei em outra. Eu dormia duas, três da madrugada. Quando eu mal dormia eu já tinha que acordar pra fazer serviço. Aí eu varria o saguão, esse saguão era quase do tamanho dessa casa, lavar, limpar. Quando eu já tinha dois anos que eu já tava com eles, que me prometeram que iam me botar na escola, que eu ia estudar e eu vi que eles não iam fazer nada por mim, aí sim, de lá eu fugi. Eu fugi mesmo! Eles saíram às duas horas da madrugada pra ir buscar o Janari Nunes, você tá lembrado desse nome? Foi um dos governadores do Amapá, de Macapá. Que naquela época Macapá e Amapá era uma cidade só. E quando eles saíram eu preparei minha trouxa e saí pela porta do saguão. Aí eu tomei conta da minha vida. Aí a minha casa, a minha família era aquelas pessoas que eu ia trabalhar como doméstica, que eu ia viver sob o controle daquela família, ali eu trabalhava, ali eu comia, ali eu bebia, eu me vestia, me calçava com aquele miserável salário, que eles me davam o que eles bem queriam.

E assim eu sobrevivi até os meus 18 anos. Com 18 anos eu encontrei uma pessoa que se propôs a se casar comigo. Mas não aconteceu o casamento, mas sim aconteceu de eu ter a minha primeira filha mais velha, que é aquela que eu lhe mostrei. Dessa filha eu continuei na casa de família, mas já sabendo tomar conta, já sabendo dizer o que eu queria e o que eu não queria. É! Com essas famílias eu já negociava o meu salário, eu já vivia de outra forma. Porque aí eu já me tornei adulta e me tornei uma pessoa responsável por mim. E aos 18 anos eu tive essa minha filha. E ela ao completar 7 anos eu casei com este cidadão. E foi aí que eu vim morar aqui.

Mas eu continuei lutando, eu continuei trabalhando, eu continuei sempre como doméstica. Sempre pra ajudar ele, porque eu casei com ele e ele tava desempregado. E eu sempre lutando por um emprego pra ele, até que eu consegui. Porque até aí a sorte sempre me ajudava. Sempre eu tinha aí um lado que a surgir me dando um bom espaço. Foi aí que eu voltei a amanhecer o dia e eu não ter um prato pra dizer: "Esse aqui eu vou encher com uma comida". Não tinha um café na minha mesa, não tinha um açúcar pra temperar, não tinha um palito pra acender o meu fogão. E foi aí que eu comecei novamente a caminhar pela casas das famílias trabalhando pra ajudar ele. Até que eu um belo dia eu encontrei uma senhora que chamava-se Iolanda Carvalho. Essa Iolanda Carvalho me estendeu a mão. Ela me estendeu a mão e disse que eu estendi minha mão a ela. Porque ela tinha de tudo e eu não tinha nada e o que eu tinha servia pra ela. [...]

E quando foi um belo dia, ela me disse: "Dona Lourdes, vai abrir um curso de cabeleireira, a senhora não quer participar?" E eu disse: "Eu não tenho dinheiro, Dona Iolanda". E ela virou pra mim e disse: "Não, o dinheiro da taxa eu lhe dou". Eu não procurei saber se eu ia dar conta ou não ia dar conta. Eu saí e fui atrás da matrícula. Era na Almirante Barroso, naquele posto lá da Almirante Barroso. Posto Público. Lá que tinha que fazer a matrícula, a inscrição. Fui bater lá. Quando eu cheguei lá, Pedro, fiz a matrícula, fiquei muito alegre. E quando caiu a ficha eu fui ver que eu não tinha um centavo pra pagar o ônibus. Eu olhei a Vileta, aqui pro lado da Vileta "eu tenho que chegar na minha casa!" Eu vim a pé de lá até aqui. Ao chegar aqui, Pedro, eu não sentia as minhas pernas. Pela primeira vez eu tinha feito um trajeto dessa natureza. Eu pegava, passava a minha mão assim e eu não conseguia sentir as minhas pernas. Aí olhei no fogão e não tinha nada. A vizinha chegou aí do lado chegou comigo e me disse assim: "Tu já almoçaste, mana?" Eu disse: "Não". Ela veio de lá com um prato de arroz, feijão e carne assada. Eu disse: "Meus filhos comeram?" Ela disse: "Eu dei pros teus filhos". [...]

Começamos o curso, um belo dia tava chovendo, eu saí com uma frasqueira, escorreguei na ponte, caí dentro da vala! Olha, bobe espalhado na água e eu querendo catar os bobes e não conseguia e foi, foi, até que eu consegui pegar e assim mesmo eu fui pro curso. Nesse dia eu não comi nada porque eu não tinha o que comer na minha casa. O que eu consegui, eu dei pros meus filhos. Eu tomei uma xícara de chá e assim eu fui. Quando eu cheguei aonde eu estudava, fazia o curso, a professora me viu toda molhada e disse: "Dona Lourdes, o que foi isso? E eu disse: eu caí na vala!" E comecei a achar graça. E ela olhou pra mim e disse: "A senhora dá risada? A senhora pode pegar uma pneumonia" E eu disse: "Não, doutora, vaso ruim não se quebra". Aí ela me levou pra cozinha dela, esquentou um caldo de peixe e me deu pra tomar. Depois ela colocou um pedaço de peixe num prato e me fez almoço. Foi um dos cursos que mais levantou minha vida, foi o curso de cabeleireira que me tirou a maior parte das dificuldades que eu passei na vida foi esse. Foi dessa forma que eu vim aqui pro Telégrafo, foi o que eu encontrei foi uma família aqui no Telégrafo, que são os mais quatro filhos e esse cidadão que eu tenho como amigo, foi assim a minha trajetória de vida.

26

- 27 De forma diferente da que sucedeu com seu marido Laércio, o qual se movimentava sazonalmente dentro de uma rede de relações que articulava Jenipapo a Belém, Dona Lourdes teve sua vinda a Belém como evento definitivo e construiu sua rede de relações

ao longo de sua trajetória como trabalhadora doméstica - e posteriormente cabeleireira - na cidade de Belém. A vinda de Dona Lourdes a Belém se dá mediante a continuidade da prática do trabalho doméstico, mas também é marcada pelo começo da negociação de sua força de trabalho junto aos patrões, distanciando-se gradativamente da relação de trabalho definida por ela mesma como "escrava". Mesmo assim, ainda são evidenciados os laços de trabalho personalizados que sustentam o trabalho doméstico na capital paraense, uma vez que a consolidação de Dona Lourdes no mundo do trabalho belemense, assim como a melhoria de suas condições de trabalho, só ocorre em virtude da boa relação que desenvolve com a sua patroa.⁵

- 28 Seu Laércio, por sua vez, teve sua vinda a Belém realizada de forma gradual, seguindo a dinâmica sazonal das águas da Ilha do Marajó que repercutem diretamente na pesca, atividade que desempenhava desde antes dos 14 anos. A pesca, atividade realizada a partir da família como unidade de produção e cuja organização depende das redes de parentesco, contrastou com as outras formas de criação de laços de trabalho encontradas pelo jovem Laércio em Belém, que só se concretizavam mediante a apresentação de documentos que possibilitariam a inserção de um estranho nas redes de trabalho da cidade de Belém.

Seu Laércio.

FONTE: ACERVO PESSOAL DE SEU LAÉRCIO.

- 29 No trecho destacado da narrativa de Seu Laércio não fica evidente, mas a tia com quem vinha passar a época do inverno amazônico (uma vez que o período de pesca compreendia os meses de junho até dezembro, o que corresponde ao verão) já morava no bairro do telégrafo nas palafitas erguidas sobre os *igarapés* que recortavam a área, muito antes da abertura do Canal do Galo na década de 80, obra realizada para facilitar a drenagem dessa região de Belém. Se no Marajó, especialmente no povoado de

Jenipapo⁶ localizado entre o lago Arari e o rio de mesmo nome, as águas de janeiro a abril avançavam sobre os campos deixando o solo submerso e isolando os habitantes em suas casas de assoalho alto, a mesma dinâmica sazonal das águas era vivenciada em Belém por Seu Laércio, que também via as águas dos *igarapés* encobrirem as pernaletas dos barracos de madeira e teto de palha erguidos pela população que se instalou nessa área do bairro do Telégrafo. A relação dos moradores da Mena Barreto com as águas e suas transformações ao longo do tempo aparecem no trecho de narrativa de Seu Laércio destacado abaixo:

Aqui na época que eu vim pra cá tinha um *igarapé* que passava por trás dessas casas. A água era limpa! Não tinha nada de sacola, essas coisas nada! Dava tamatá deste tamanho, os tamatá branco! Tirava minhoca pra pescar! Tudo isso eu já fiz! A gente pegava os tamatá, a gente cozinhava, a gente comia! Era bom! Aí depois já começou a mudar e ficou assim. Já tá tudo aterrado, não ficou mais *igarapé*. Só o canal mesmo [...]

Isso aí não tinha canal! Isso aí, essa área aí que foi feita a dragagem era casa. Subia daqui, morava lá pro outro lado. Então com essa mudança de projeto, aí muitos moradores foram indenizados, foram pra outra área. [...] Ele [o então governador do estado] não ia deixar ainda o governo porque ele tinha um compromisso com o povo, mandar abrir esse canal que era pra justamente não acontecer inundação nas casas, que era um alagamento, como eu vou explicar, né. Mas aqui já aconteceu umas três vezes, tem mancha pela parede aí. Da água entrar aqui e dava no meio da minha perna assim. Então essa água ela vai desembocar lá no Una.

30

- 31 Quando instados a falar sobre as suas razões e motivações para se instalar em casas palafitas localizadas em áreas baixas que no passado eram de difícil acesso e que ainda hoje estão sujeitas a alagamentos em virtude das chuvas e das marés, em suas considerações os moradores da bacia do Una não achavam determinantes os aspectos das dinâmicas de produção do espaço urbano e de territorialidades segregatórias que incidem na marginalização de espaços como a parte do bairro do Telégrafo conhecida como Mena Barreto. Em outras palavras o preço do aluguel ou do imóvel era apenas um fator entre outros que influía na escolha do local de moradia na capital. Para eles, o câmbio de lugares - do interior do estado do Pará para um bairro periférico e não saneado em Belém - implicava necessariamente no deslocamento dentro de redes sociais (Bott, 1976) de familiares, amigos e compadres.
- 32 Como foi apontado a partir das narrativas expostas acima, a imigração para áreas úmidas de Belém representa rupturas e continuidades em relação aos modos de vida anteriores dessas populações. Nestes deslocamentos, o trabalho é a dimensão da vida social que desenraiza Dona Lourdes e Seu Laércio do seu lugar de origem ao mesmo tempo em que exerce papel relevante na consolidação desses sujeitos como habitantes de uma metrópole amazônica.
- 33 As migrações como estratégias de sobrevivência de famílias pobres na Amazônia evidenciam uma dinâmica e estruturação de famílias moldadas pelas possibilidades (precárias) de trabalho que se apresentam através das comunicações em rede. As relações em rede mais importantes, segundo Assis (2007, p. 752) “são as baseadas em parentesco, amizade e origem comum, as quais são reforçadas por uma interação regular em associações voluntárias”. Manter a sobrevivência da totalidade da família pode significar lançar mão de migração de componentes da família, como mostrou Andreazza (2007) no seu estudo sobre o impacto da imigração no sistema familiar. Pode implicar na própria migração de um ou mais membros como decisão tomada no âmbito

familiar ou devido às condições familiares, pendulando entre um projeto individual ou familiar (Morales, 2007), um fortalecer da rede familiar e comunitária ou uma tentativa de sair dela. A história da Dona Lourdes e de Seu Laércio expressam como elas circularam entre vários lugares movidos pela busca de sobrevivência e o trabalho que se apresentava (até que largavam devido às precárias condições ou perspectivas), ganhando autonomia através da produção de sua moradia.

- 34 No estudo sobre as famílias que migraram para Belém do interior do Estado e cujas filhas migraram em décadas seguintes para o exterior, Hazeu (2014) mostra como a experiência do trabalho doméstico fazia parte das suas trajetórias até as *baixadas* de Belém. Sair da convivência familiar para trabalhar como doméstico em casa de família na cidade e posteriormente ocupar uma moradia própria (ou alugada), sem retornar ao lugar de origem, era um processo constituinte de muitas novas famílias e moradias em Belém. Estas mulheres, que inicialmente perderam “seu lugar”, vivenciaram uma “semiescravidão” como doméstica, como também relata dona Lourdes, tornam-se referências para a chegada e agrupamento de outros familiares e conhecidos do lugar de origem.

DONA LOURDES.

FONTE: ACERVO PESSOAL DE DONA LOURDES.

- 35 As trajetórias sociais de antigos habitantes de áreas úmidas se mostram essenciais para pôr em relevo o aspecto temporal das transformações das regiões estudadas neste trabalho do ponto de vista da memória coletiva (Halbwachs, 2006) de seus habitantes. Dessa forma, esta pesquisa também está atenta a um dos eventos mais significativos do processo de ocupação de áreas baixas e pantanosas em Belém: a produção da moradia. A construção de casas palafitadas e estivas para se locomover sobre a água está associada a saberes e fazeres (Chevalier, 1992) que muitas vezes podem remeter a uma vida

ribeirinha anterior à migração para a cidade. Além disso, desenvolve-se táticas a estratégias (De Certeau, 1994) para lidar com a falta de saneamento e com a presença das águas no cotidiano, evidenciando diferentes configurações entre cultura e natureza (Descola, 2005) que são capazes de tornar um espaço inabitável do ponto de vista da salubridade e do saneamento ambiental para uns e em lugar de moradia e enraizamento para outros.

- 36 Nesse sentido, como nos é indicado nas reflexões de Souza e Oliveira (2003) sobre a produção de moradias nas áreas inundadas pelo *Igarapé* do Quarentena em Manaus, construir a casa e tornar o lugar habitável requer trabalho. Este trabalho que produz a moradia é realizado pelos moradores dessas áreas nos finais de semana ou nas horas vagas. Repassar a responsabilidade pela moradia para os próprios trabalhadores desobriga tanto o Estado em garantir este direito quanto diminui o custo para o capital com a reprodução da força do trabalho, mantendo os salários baixos, assim constituindo um fator da exploração da força do trabalho, ou seja, caracteriza-se como mais uma forma de sobretrabalho. Ao mesmo tempo, a construção da própria casa apresenta uma dimensão de produção de autonomia e não alienação: o que se produz e como se produz e para quem se produz está articulado através da reprodução de sua identidade e afirmação de ser sujeito da sua própria história.
- 37 A etnografia realizada nas áreas próximas aos canais e antigos cursos d'água em Belém levou ao contato com mais um grupo de interlocutores que desta vez se localiza no bairro da Sacramenta próximo ao Canal São Joaquim em uma área contemplada pelo Projeto de Macrodrenagem da Bacia do Una. Em um domingo de manhã Dona Nair apresentou seu compadre Zeca. Nair e Zeca haviam arquitetado um encontro com os moradores mais antigos da área que compreende a Rua São Benedito, a Passagem Santos e a Rua Mirandinha. Durante a conversa, Seu Evandro, com 79 anos, contou sobre sua chegada ao local e sobre algumas transformações que a área sofreu desde a sua chegada:

Evandro: É o seguinte: eu moro aqui há 45 anos. Eu fiz a casa aqui número 11. Toda a madeira que eu trouxe eu joguei na água, no *igarapé* e fui nadando com ela, levando até subir lá na frente. Eu construí minha casa bem alta, porque a água... A minha casa tinha 1,20 o soalho, porque a água ela vinha mais ou menos um metro. Tu ficava com 20 centímetros morando, o resto era tudo água. Bom, mas antes de eu vir morar aqui tinha outros moradores, né antigos aqui. Inclusive o seu Orlando! Orlando mesmo o nome dele?

Zeca: Era o seu Fernando.

Evandro: Seu Fernando! O Seu Fernando ele criou a família dele praticamente pescando! Ele ia lá no mar, entrava pelo *Igarapé* e trazia peixe pra sustentar a família dele aqui. Foi a época que eu cheguei, mas ele já estava.

Bom, depois surgiu uma festividade aqui né, não sei quem foi que criou. Essa festividade era a festividade de São Benedito, é. E havia uma procissão, essa procissão ela saía por dentro de canoa e ponte de açazeiro, uma ponte de açazeiro que eles faziam, até mais ou menos uns duzentos metros adentro. Então passava essa procissão de São Benedito. Vinha, pegava canoa, atravessava esse *igarapé* e pegava a ponte de açazeiros que eles mesmos faziam. Esse eu assisti!

Bom, aí foi, foi, conclusão: hoje essa procissão ainda passa aí, mas passa como? Não é preciso mais canoa, não é preciso mais ponte porque fizeram realmente a... macrodrenagem, fez praticamente alicerço aqui dentro e construiu uma ponte asfaltada em cima do *Igarapé* velho dessa parte e tem duzentos metros mais ou menos né.

E aqui essa Passagem Santos, tinha um morador aqui que ele tinha dificuldade pra andar, não tinha uma perna. Aí não podia andar por cima de ponte. Aí construímos

uma ponte. Antes nós construímos uma ponte da São Benedito na Mirandinha pra lá. Aí atingia a minha casa e atingia a casa dele. Mas ele não podia andar por cima de ponte por causa da perna né. Aí a CELPA⁷ tinha um bocado de poste, poste aí de 10 metros, 8 metros e nós fizemos aí uma barragem aqui, fizemos uma barragem entre o Igarapé e a parte mais fixa, né. Bom, aí continuou. Mas nós achamos muita dificuldade pra andar. Aí fui a ocasião que surgiu o serviço da Macrodrenagem da Bacia do Una. Aí foi cavado esse... como é?

Zeca: O canal...

Evandro: Esse canalção que hoje em dia chamam de São Joaquim foi cavado e os moradores daqui, mais ou menos uns 12 homens. Nós se reunimos e fumo aterrar, aterramos carregando terra da beira do canal que tiraram, aquela terra, lama com pau, tudinho e nós fizemos essa passagem santos aqui entre Mirandinha e São Benedito. Com isso já não foi preciso mais ponte, já tinha a passagem aterrada pelos moradores. Foi o Zequinha, o Horácio, Zé Maria, Alfredo e outras pessoas. E nós concluímos.

- 38 O relato do Evandro sobre este “trabalho coletivo” que transformou a região da passagem São Benedito leva a pensar o trabalho como dimensão eminentemente humana que produz a vida social. Realizado em conjunto, o trabalho produz a comunidade, especialmente quando se trata de trabalho que se relaciona com o lugar de moradia. Neste sentido, Durães et. al (2017: 3) discutem que “a autogestão promove a desalienação do trabalhador por meio do trabalho associado”. Porém, mesmo considerando o sentido revolucionário da ação, esta desalienação só pode ser parcial, “porque [...] a desalienação completa dos seres humanos só pode se dar na sociedade governada pelos produtores livremente associados” (Novaes, 2015: 51). Assim, por mais que o trabalho coletivo e a autogestão representem a agência dos trabalhadores diante de suas condições objetivas de vida, ainda há limites associados à precariedade de suas relações de trabalho fora da comunidade e com o próprio Estado.
- 39 Seu Evandro mostra que a ação dos moradores sobre aquele ambiente resultou em transformações significativas que antecedem e, em alguns casos, até coincidem com as obras do Projeto de Macrodrenagem, como mostra o exemplo do aterramento das ruas pelos próprios moradores com a terra extraída da escavação do canal. Observa-se que as ações sobre o meio seguem o fluxo das necessidades elementares e objetivas, como a locomoção de um deficiente físico pelo lugar. Também atuam as redes de solidariedade entre vizinhos na forma de mutirão, quando a criatividade do grupo recorre a árvores derrubadas para construir pontes e dos refugos de um Estado ausente – os postes da Companhia Elétrica aparentemente abandonados – para fazer uma barragem de contenção das águas do antigo *igarapé*.

SEU EVANDRO**FONTE: ACERVO DOS PESQUISADORES.**

- 40 As reflexões de Das e Poole (2004) sobre a produção de "margens" no Estado Moderno permitem pensar os espaços marginais não somente como lugares preteridos em relação à presença do Estado. As margens também podem ser vistas como espaços onde a ausência do Estado pode ser negociada, mesmo porque a ausência do Estado é uma forma de presença. Esta presença-ausência possibilita arranjos criativos por parte dos sujeitos implicados, porém não sem levar em conta suas condições objetivas de existência. Entre estas táticas e estratégias nas áreas alagadiças de Belém estaria a autoconstrução, isto é, a prática dos moradores em construir sua própria casa sozinhos ou a com a ajuda de seus vizinhos e familiares. Além disso, para moradores como os vizinhos de Seu Evandro também existe a possibilidade de determinar o traçado das pontes e estivas, de fazer aterramentos e posterior elevação das casas em caso de novos alagamentos. Em outros casos observados durante a pesquisa etnográfica, com o aterramento das áreas – realizado muitas vezes por conta própria ou com doações de políticos em época de eleição – os próprios moradores construíram fossas sépticas em concreto ou madeira para acumular os dejetos que antes caíam diretamente na água que corria embaixo das casas.
- 41 Logo, essas formas de trabalho sobre o meio mostram a dimensão social e coletiva da produção do espaço e ação sobre a natureza. Ao mesmo tempo em que existem conflitos e reivindicações por melhorias nas condições de vida dessas populações que vivem nas margens do Estado (Das e Poole, 2004), a produção social do solo (que não implica na obrigatoriedade da terra como elemento dominante) para moradia e a domesticação do espaço são processos nos quais a presença e a ausência do Estado – enquanto responsável pela promoção de políticas habitacionais e saneamento básico – são agenciadas continuamente nas práticas do cotidiano.

Considerações finais

- 42 Este artigo mostra como migrantes se estabeleceram nas áreas baixas e úmidas da cidade de Belém pelo trabalho e com o trabalho. Em suas narrativas o trabalho aparece como o fio condutor de uma intriga que constrói a relação entre as trajetórias individuais e o processo de ocupação do solo e urbanização de Belém. Seu Laércio, Dona Lourdes e Seu Evandro, entretanto, apresentam suas singularidades.
- 43 A migração de seu Laércio se deu de forma gradual, enquanto este ainda mantinha relações de trabalho no interior do estado em função da sazonalidade da atividade da pesca. A sedentarização definitiva se dá após o casamento com Dona Lourdes, quando a família vai morar na Mena Barreto, local onde já morava uma tia do jovem Laércio. Porém, a ruptura com o local de origem não se deu sem continuidades como, por exemplo, a presença constante da água e de práticas como a pesca, embora em outro contexto e com outro significado, agora muito mais ligada ao lazer e, em certa medida, à subsistência da família. Observa-se que a trajetória de Seu Laércio é orientada a partir de sua rede de relações familiares, tanto no que diz respeito ao seu ingresso no mundo do trabalho, quanto no que tange ao estabelecimento de sua moradia em Belém.
- 44 Dona Lourdes, ao contrário de Seu Laércio, migra definitivamente de seu local de origem, passando pela capital do Amapá antes de chegar em Belém. As condições do trabalho doméstico descrito pela senhora como escravidão a levam a fugir duas vezes. Este tipo de trabalho implicou o seu desenraizamento do local de origem e na quebra dos vínculos familiares. Se o local de trabalho era também o local de moradia para a jovem Lourdes, então os patrões exerciam total poder sobre ela. A vulnerabilidade e a exploração a que estava submetida Dona Lourdes são, em grande medida, resultado da inexistência de redes de familiares e amigos capazes de acolher e ajudar a jovem trabalhadora que migrara e morava conforme os desígnios de seus patrões. Ainda assim, ela é capaz de construir redes de apadrinhamento e de amparo em Belém a partir das relações com uma patroa e com seus vizinhos na Mena Barreto.
- 45 O relato de Seu Evandro complementa os de Dona Lourdes e Seu Laércio, revelando outro elemento da relação entre migração e trabalho. Seu Evandro mostra que para migrar e ocupar o solo urbano em Belém, mesmo que em áreas alagadiças ou permanentemente alagadas, é necessário construir a própria casa e tornar o lugar habitável, o que requer trabalho. Este trabalho, por sua vez, por mais que se dê fora das relações formais de trabalho remunerado, é fundamental para a reprodução social dos trabalhadores e suas famílias. Por isso, o trabalho emerge de forma dual: ora como a busca por uma atividade remunerada (que nem sempre implica assalariamento) que permite o sustento individual e da família, ora como o trabalho coletivo para a construção da própria casa e da comunidade. Percebe-se que a precariedade nos vínculos construídos no mercado de trabalho precisa ser compensada pela solidez na moradia a partir da ocupação, da conquista do território e da construção da casa própria.
- 46 As trajetórias de migrantes do interior que se estabelecem no espaço urbano belemense mostram como estes sujeitos trazem consigo não apenas sua força de trabalho, mas também conhecimentos que aplicam tanto no mercado de trabalho para receber remuneração, quanto na transformação do espaço em moradia. Nestas áreas migrantes como Dona Lourdes, Seu Laércio e Seu Evandro constroem comunidades inteiras e produzem um espaço novo onde a permanência de práticas e visões de

mundo ribeirinho-amazônicas não representa a oposição entre rural e urbano, mas sim a composição de um arranjo entre cidade e natureza e de um viver urbano com características específicas.

- 47 As *baixadas* em Belém representam a produção e reprodução das desigualdades urbanas em uma cidade em que os contrastes socioespaciais são mais uma expressão da exploração da força de trabalho. Migrantes produzem valor com seu trabalho a partir das relações formais de trabalho, assim como incorporam valor ao solo urbano ao ocupar, drenar ou aterrar áreas preteridas pelo poder público, atuando às margens do Estado. Quando grandes faixas de solo urbano ocupadas pela população mais pobre são desapropriadas ou quando o Estado é chamado a atuar nessas áreas por meio de projetos como a Macrodrenagem da Bacia do Una, as intervenções ocorrem sobre um solo que guarda a memória e o trabalho de seus habitantes. Como produto, as cidades reproduzem a lógica desigual da sua produção, reforçando com as particularidades amazônicas o que Engels (2012) já havia percebido nas cidades industriais inglesas no século XIX: as cidades se constroem com trabalho e pelo trabalho.

48

BIBLIOGRAFIA

- ABELÉM, Auriléia. 2018. Urbanização e remoção: por que e para quem? Belém: NAEA.
- ALMEIDA, Alfredo W. B. de; SPRANDEL, Márcia. A. 2006. "Palafitas do Jenipapo na Ilha de Marajó: a construção da terra, o uso comum das águas e o conflito". *Novos Cadernos NAEA*, v.9, n.1: 25-76.
- ANDREAZZA, M 2007. O impacto da imigração no sistema familiar: o caso dos ucranianos de Antonio Olinto. *História Unisinos*, v. 1, n. 1, p. 28-39
- ASSIS, Glaucia de Oliveira. 2007. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, v. 15, n. 3, p. 745-772
- BOTT, Elizabeth. Família e rede social. 1976. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- CERTEAU, Michel. 1994. de. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes.
- CHEVALIER, Denis. 1991. "Des savoirs efficaces". *Terrain*, Paris, n.16: 5-11.
- DANTAS, Luisa 2012. M. S. Madrinha é parente? Reflexões antropológicas sobre o "apadrinhamento" em diferentes configurações. In: Raymundo Heraldo Maués e Maria Eunice Maciel (orgs.). 2012. Diálogos antropológicos: diversidades patrimônios, memórias. Belém, I&A Editora, pp. 257-284.
- DAS, V. e POOLE, D. 2004. "State and its margins". In: V. Das e D. Poole (orgs.), *Anthropology in the margins of the state*. Santa Fe: School of American Research Press. pp. 6-32.
- DESCOLA, Philippe. 2005. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard.
- DEVOS, Rafael V.; SOARES, Ana P. M.; ROCHA, Ana L. C. 2010. "Habitantes do Arroio: memória ambiental águas urbanas". *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 22: pp. 51-64.

- DURÃES, Yuri. S.; BENINI, Elcio G.; NEMIROVSKY, Gabriel G.; OLIVEIRA, Eziel. 2017. A desalienação do trabalhador por meio da autogestão: uma análise sob a perspectiva das três mediações de segunda ordem de Mészáros. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, nº 1, pp. 3-20.
- ECKERT, Cornelia.; ROCHA, Ana. L. C. da. 2001. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- ENGELS, Friedrich. 2012. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo.
- FREYRE, Gilberto. 2003. *Sobrados e Mocambos*. São Paulo: Global Editora.
- HALBWACHS, Maurice. 2006. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- HAZEU, Marcel. 2014. *Migração internacional de mulheres na periferia de Belém: identidades, famílias transnacionais e redes migratórias em uma cidade na Amazônia*. Belém: NAEA/UFGPA.
- LEITE LOPES, José S. 1976. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LOUREIRO, Violeta R. 1992. *Amazônia: Estado, homem, natureza*. Belém: Cejup.
- MARICATO, Ermínia. 2000. "As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias". In: O. Arantes et. al. (org.), *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes. pp. 121-191.
- MORALES, Ofelia. W. 2007. "La migración de las mujeres. ¿un proyecto individual o familiar? Feminização das migrações". *Revista interdisciplinar da mobilidade humana*, nº 29: pp. 23-45.
- NOVAES, Henrique T. 2015. "Trabalho como necessidade vital e trabalho alienado: contribuições para o debate da relação trabalho-educação para além do capital". *Revista HISTEDBR On-line*, nº 65: pp.42-57.
- PARÁ (Estado). 2006. *Companhia de Saneamento do Pará. Informações gerais*. Belém.
- SAYAD, Abdelmalek. 1998. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.
- SILVA, Andressa Macêdo e. 2003. *Gestão de conflitos pelo uso da água em bacias hidrográficas urbanas*. Belém: Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, UFGPA.
- SOARES, Pedro. P. M. A.; CRUZ, Sandra. H. R. 2019. "A Ecologia Política das inundações urbanas na Bacia do Una em Belém (PA)". *Emancipação*, v.19: pp. 1-15.
- SOUZA, Nilciana D. de; OLIVEIRA, José A. de. 2003. "O espaço urbano e a produção de moradias em áreas inundáveis da cidade de Manaus: o igarapé do Quarentena". In: J. A. de Oliveira et al. (org.), *Cidade de Manaus: visões interdisciplinares*. Manaus: EDUA. pp. 81-116.
- TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. 1997. *Produção do espaço e uso do solo urbanos em Belém*. Belém, UFGPA/NAEA.
- VALLE, Arthemisia de S.; OLIVEIRA, José A. de. 2003. "A cidade de Manaus: análise da produção do espaço urbano a partir dos Igarapés." In: J. A. de Oliveira et al. (org.), *Cidade de Manaus: visões interdisciplinares*. Manaus: EDUA. pp. 151-184.

NOTAS

1. "As baixadas existentes em Belém são áreas inundadas ou sujeitas a inundações - decorrentes, em especial, dos efeitos das marés - e ficaram conhecidas, principalmente a partir da década de 60, por serem espaços de moradia das camadas sociais de baixo poder aquisitivo" (Trindade Júnior, 1997).

2. Nos termos locais, igarapé significa um curso d'água com proporções variáveis afluente de um rio.
 3. Assim como a autora citada, somos críticos à (des)qualificação da cidade a partir de parâmetros de "legalidade" ou "ilegalidade", por se tratar de uma valoração que tem como base as lógicas específicas da funcionalidade ao mercado imobiliário, do controle pelo Estado e da legibilidade do espaço por recenseamentos. Ao mesmo tempo se reconhece a precariedade das condições de vida nas baixadas e favelas, sobretudo no acesso a políticas públicas e a exposição a riscos socioambientais.
 4. O projeto recebeu esse nome porque à época se considerava que este serviria de modelo para as intervenções que ocorreriam no futuro em áreas alagadas da cidade.
 5. Sobre práticas de trabalho doméstico ao cenário amazônico e a relação de trabalho/parentesco que caracteriza os laços entre patrões/padrinhos e as "crias de família" - isto é, meninas e meninos de baixa renda e em sua maioria negros que migram do interior para a capital paraense para estudar e melhorar de vida, realizando trabalhos domésticos nas residências das famílias que os recebem muitas vezes sem nenhuma remuneração - conferir o trabalho de Luísa Dantas (2012).
 6. Levamos em conta que o povoado de Jenipapo localizado na Ilha do Marajó nas proximidades do lago Arari e onde Seu Laércio passou parte de sua juventude é a mesma vila de Jenipapo que fica submersa durante metade do ano, sendo caracterizada como uma vila de palafitas no trabalho etnográfico de Alfredo Wagner Almeida e Márcia Anita Sprandel (2006).
 7. Centrais Elétricas do Pará - Empresa responsável pelo fornecimento de energia elétrica no estado.
-

RESUMOS

Este artigo trata das trajetórias sociais de migrantes que se dirigiram de localidades do interior do estado do Pará à cidade de Belém durante o século XX, estabelecendo moradia em áreas baixas, próximas a cursos d'água e constantemente sujeitas a inundações. A etnografia realizada leva em conta a memória do trabalho desses habitantes, para compreender como as narrativas sobre sua trajetória profissional reflete os processos de migração, ocupação do solo, urbanização e a vida nas margens do Estado, além de observar as redes de inserção no mundo do trabalho em Belém articuladas ao campo de possibilidades de escolha da moradia. Os processos de autoconstrução das casas e da infraestrutura urbana na vizinhança pelos próprios moradores constituem fatores de exploração da força de trabalho, ao mesmo tempo que revelam a dimensão social e coletiva da produção do espaço, da ação sobre a natureza e da particularidade da relação com o interior da Amazônia que permeia a forma de "reconstruir" a vida num contexto urbano.

This article discusses life stories of migrants who moved from their homes in the Amazon countryside to Belém, the state capital during the twentieth century. There, they dwelled on lowland areas nearby watercourses constantly subjected to flooding. The ethnographic approach addresses the inhabitants work memories, focusing on how their narratives of professional careers enables a comprehension of migration, land occupation, and urbanization processes in the margins of the state. This shed lights on the social networks allowing the entry of migrants in the labour market, as well as the range of possibilities regarding the choice and the making of a place for dwelling. The construction of housing and neighborhood infrastructures by dwellers

correspond to means of exploitation of their labor force. At the same time, it reveals the production of space and the action upon nature as social and collective processes, embodying knowledge and practices anchored in migrants former livelihoods, which are deployed to rebuild their lives in the urban setting.

ÍNDICE

Keywords: memory, work, migration, urbanization, una watershed

Palavras-chave: memória, trabalho, migração, urbanização, bacia do una

AUTORES

PEDRO PAULO DE MIRANDA ARAÚJO SOARES

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista PNPd/CAPES e docente visitante no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Pará (UFPA). pedropaulo.soares@yahoo.com.br

MARCEL THEODOOR HAZEU

Doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Pará (UFPA). celzeu@gmail.com